

Amanda do Carmo Ribeiro
Graduanda em Ciências Sociais (UFMG). Integrante do Coletivo Retomadas Epistemológicas.

Contato
amandadocarmo1669@gmail.com

Amanda Figueiredo
Graduanda em Ciências Sociais (UFMG). Integrante do Coletivo Retomadas Epistemológicas.

Contato
amandaficle@gmail.com

Bruna Dias Teixeira
Graduanda em Ciências Sociais (UFMG). Integrante do Coletivo Retomadas Epistemológicas.

Contato
brunadiastt@gmail.com

Eco Ian Lofego Silveira
Graduanda em Ciências Sociais (UFMG). Integrante da Coletiva Cintura Fina.

Contato
ianlofego@gmail.com

Johnny Vinicius Freitas
Graduando em Ciências Sociais (UFMG). Integrante do Coletivo Retomadas Epistemológicas.

Contato
johnnyviniusf@gmail.com

Pedro Lima Martins de Souza
Graduando em Ciências Sociais (UFMG). Integrante do Coletivo Retomadas Epistemológicas.

RETOMADAS A ZORA NEALE HURSTON

Somos orquídeas negras suspensas sem criar raiz em território alheio. Estamos aqui nesse espaço tempo diaspórico como se estivéssemos perdidas à procura de nossas raízes.¹

Denise da Costa (2021)

Entre os milhares de brancos eu sou uma pedra escura que emerge, invadida por um mar cremoso. Eu sou invadida e varrida, mas no meio disso tudo, permaneço eu mesma. Quando coberta por água, eu sou; e o fluxo da maré me revela novamente. A Zora cósmica surge. Eu não pertencço a nenhuma raça ou tempo, eu sou o eterno feminino com seu colar de contas. Eu não tenho sentimentos separados sobre ser uma cidadã norte-americana e de cor.

Zora Neale Hurston (2021)

*Zora Hurston*²
E se Zora olha
A sua história
Ou nossa história?
De um lugar melhor
Que aqui, ou acolá
Que demarquemos
A hora, àquela hora
De se dever estudar
Aquilo que foi negado
Pela universidade branca
Hegemônica
E que foi ressignificado
Com o suor, sangue
E lágrimas
Principalmente de pessoas negras
Especialmente de mulheres negras
Que fique demarcado
Esse lugar de protagonismo
E o meu lugar de trava branca
Que também é um lugar
No meio de tudo isso

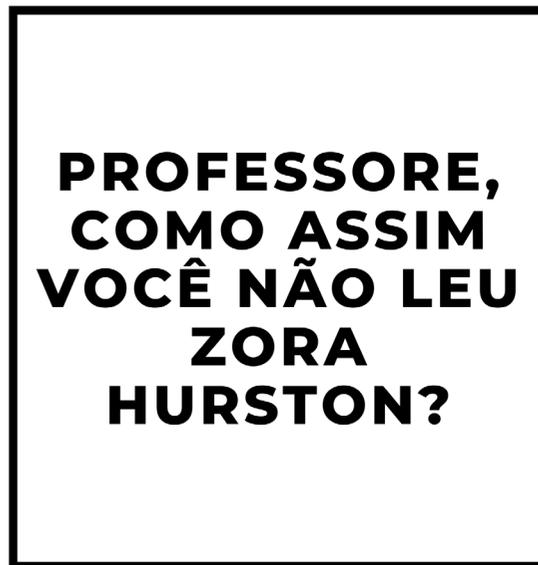
E se Zora pudesse contar?
Sua vida, sua história
Nossa história
Ela conta!
Na biografia que a gente leu
E discutiu e debateu
E eu fiquei em silêncio
Menos no final
No final eu falei
E às vezes me sinto mal
Imagino que passei do ponto
Ou que não foi legal

Tocar
Ali
Pra todo mundo
Desafinada
Noiada
Carente e prepotente
Mas empolgada
Com algo que Zora me inspirou a escrever
E a participar
Como ela faz
No vídeo da etnografia
Quando a música toca
E a gente assobia junto

Entre trajetórias: Onde o Retomadas e Zora se encontram

O Retomadas é uma edificação muito intensa na nossa formação e eu espero e acredito que vai ser também uma transformação na formação de outros cientistas sociais que também estão em contato com a gente (Trecho de entrevista de Sofia Nicolau à Revista Três Pontos [...], 2019, p. 93).

[...], é urgente perceber que as minorias pensam, e pensam em algo além do problema racial. Que elas são muito humanas e, internamente, de acordo com o dom natural, são exatamente como todos os outros. Enquanto isso não for compreendido, deve permanecer aquele sentimento de diferença intransponível, e a diferença para o homem comum significa algo ruim. Se as pessoas fossem bem feitas, elas seriam exatamente como ele (Hurston, 2019).



COLETIVO RETOMADAS EPISTEMOLÓGICAS
@RETOMADASEPISTEMOLOGICAS

Figura 1. Cartaz do Coletivo Retomadas Epistemológicas, 2024. Fonte: Coletivo Retomadas Epistemológicas.

Entre as voltas no tempo e o tempo em volta que permeia uma circularidade quase estridente que une o que foi, o que está, e das coisas que ainda estão por vir, há alguns sonhos que atravessam os fazeres em ambientes um tanto quanto inóspitos. Entre idas e vindas, conversas e anseios, no ontem do *Retomadas*, tomamos ciência sobre uma antropóloga estadunidense negra que morreria sem seu devido reconhecimento e que poderia ter sido enterrada em um túmulo sem identificação. No escopo de sua trajetória, as marcas do racismo, colonização, colonialidade (Quijano, 2005) e epistemicídio (Carneiro, 2023) ficam escancaradas. Tratava-se de Zora Neale Hurston, uma gênio do sul, como Alice Walker (2019) a denomina. A antropóloga negra com extensa pesquisa sobre o vodu haitiano, Antropologia visual e permeada pelo fazer etnográfico não foi reconhecida no cerne das disciplinas das Ciências Sociais, em especial à Antropologia, de onde emerge:

Contato
pedro_limamartins@hotmail.com

Sofia Maria do Carmo Nicolau
Cientista Social (UFMG), Mestranda em Sociologia (USP), Integrante do Coletivo Retomadas Epistemológicas.

Contato
sofiacarmo@usp.br

Steffane Pereira Santos
Cientista Social (UFMG), Mestranda em Antropologia (UFMG), Integrante do Coletivo Retomadas Epistemológicas.

Contato
steffanespereira@gmail.com

1 Erickson et al. Apresentações do Número Especial Fire!!! Zora Neale Hurston Textos Escolhidos e Traduzidos. **Ayê: Revista de Antropologia**, 2021.

2 Poesia de autoria de Eco Ian Lofego Silveira.

Enquanto nos debruçamos sobre as obras de outros antropólogos tão próximos à Zora como Franz Boas, Margareth Mead e Ruth Benedict, além de próximos em semelhante posição a Mead e Benedict, Zora também foi aluna de Boas. Zora escreve o livro *Barracon*, traduzido para o português em 2021 como *Olualê Kossola: As palavras do último homem negro escravizado*, em 1931. O livro é um trabalho etnográfico onde Zora entrevista Olualê Kossola. Padrões de Cultura de Ruth Benedict publicado em 1934, Sexo e Temperamento de Margareth Mead foi publicado um ano depois em 1935 (Santos; De Paula, 2023, p. 44).

Entre as temporalidades, há cinco anos, sonhar em uma disciplina sobre o pensamento de uma autora negra que transitou entre a literatura, teatro e Antropologia era um sonho insubmisso³ (Santos, 2018). A sua realização é parte dos desejos que o *Retomadas* partilhou com sua atuação e ainda compartilha no agora. A presença de estudantes não brancos e LGBTQIA+⁴ nos espaços de pensamento acadêmico traz consigo uma virada epistemológica do fazer. As ações afirmativas proporcionam este giro (Carvalho, 2021). O pensar e fazer de Zora Hurston, enquanto antropóloga negra, proporciona trincas e rachaduras nas estruturas do fazer epistêmico hegemônico. E disciplinas como a que se debruçou sobre o pensamento e intersecções a partir de Zora, só foram possíveis pelas ações afirmativas e pelos sonhos sonhados coletivamente.

Nas dinâmicas da circularidade, entre tempos e gerações, o coletivo se aproxima de Zora. Quando a antropóloga negra se questiona o que os editores brancos não publicarão (Hurston, 2019) enuncia a faceta do epistemicídio instaurado na indústria editorial.

O *Retomadas* foi criado no segundo semestre do ano de 2019, a partir dos incômodos que atravessavam a experiência de estudantes negres guiados por uma questão: onde estão os intelectuais negros e indígenas nas disciplinas obrigatórias do curso de Ciências Sociais?

Neste sentido, duas estudantes do curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Fernanda Reis e Sofia Nicolau, começam a se movimentar a partir de uma intelectual negra: Sueli Carneiro. A discussão sobre epistemicídio que norteia a tese da filósofa brasileira se apresenta como ponto de partida do embrião do que viria a ser o *Retomadas* Epistemológicas.

O antropólogo, Tulio Silva (2021), dedica seu trabalho de conclusão de curso à traçar a trajetória do *Retomadas*. Deixamos com ele por aqui, parte desta trajetória:

Desse momento em diante elas conversaram com colegas próximos sobre o epistemicídio e o desejo de fazer algo na direção contrária. Inicialmente a pauta fora levada para o Tudo Nosso e alguns integrantes começaram a se reunir para discutir possíveis ações a nível do próprio local onde estavam inseridas/os. As primeiras atividades tiveram caráter provocativo. Nesses primeiros encontros, foi evocada uma situação conhecida pelas/os estudantes do curso, referente à atitude recorrente de um professor específico em suas aulas. Vamos chamá-lo aqui de Gabriel. Volta e meia o professor Gabriel indaga as/os estudantes em sala da seguinte maneira, ao perceber que não conhecem algum/a autor/a clássico/a de sua disciplina: "Como assim, vocês estão no terceiro período e ainda não leram fulano de tal?". Em algumas ocasiões, o autor que ele citava não tinha tradução para o português, somente em língua estrangeira. Há relatos que numa dessas, Gabriel horrorizado disse: "Vocês não leem nada em francês?" Motivadas/os por falas como essa, o grupo tomou como primeira decisão a confecção de cartazes trazendo as/os professoras/es para o centro da indagação, questionando a pouca leitura de autoras/es negras/os por parte do corpo docente. Frases como "Professor, como assim você nunca leu Angela Davis?" ou "Professora, como assim você nunca leu Lélia Gonzalez?" foram impressas em cartazes e espalhadas por toda a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, com enfoque especial no quarto andar do prédio, que é o corredor onde se encontram os gabinetes das/os professoras/es do curso. Assim, o nascimento do Coletivo Retomadas Epistemológicas é marcado pela (re)existência do Tudo Nosso. As pessoas envolvidas em sua fundação também faziam parte da auto-organização. Essa ação ainda não levava o nome de Retomadas Epistemológicas. O Tudo Nosso ainda figurava no horizonte da organização negra do curso. Tal atividade, então, foi feita em parceria e levando seu nome. Durante o ano de 2018 houve troca na coordenação do Colegiado de Graduação em Ciências Sociais. Assumiram as cadeiras de coordenação e vice coordenação, respectivamente, uma professora do departamento de Antropologia e um professor do departamento de Ciência Política. Desde sua posse, a coordenadora do Colegiado demonstrou ser uma pessoa bastante solícita às questões estudantis, estreitando laços com o Centro Acadêmico de Ciências Sociais – CACS, com as demandas da Licenciatura, entre outros. Em paralelo à confecção dos cartazes, o Coletivo encontrou-se com a coordenação do Colegiado para tentar articular maneiras de atuação também em nível institucional. Buscando possibilidades de inclusão de autoras/es negras/os e indígenas no rol das disciplinas obrigatórias do curso. Uma das proposições do grupo foi a criação de um manifesto apontando para a presença do Epistemicídio no curso de Ciências Sociais da UFMG e com as demandas de inclusão de autoras/es. Esse documento foi enviado, junto do Colegiado, aos três departamentos que compõem o curso, a saber, Antropologia, Ciência Política e Sociologia (Silva, 2021, p. 30–31).

Não surpreendentemente, este documento não foi bem recebido com bons olhos com unanimidade. Ataques de caráter racista foram o resultado do seu envio, *posts* virtuais vexatórios no Facebook e até mesmo perguntas como: "Como estes estudantes querem me dizer o que devo ensinar, depois de tantos anos de docência?".

³ Poesia "Gira" (2018) da poeta e cientista social Júlia Elisa dos Santos.

⁴ Lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e mais.

Em meio a urgência de confeccionar o Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Ciências Sociais, a coordenação do Colegiado reconheceu, junto ao Coletivo, a necessidade de reconstruir as ementas. Com isto em vista, solicitou que o coletivo enviasse uma proposta de inclusão de autoras negres e indígenas para cada uma das disciplinas obrigatórias do percurso curricular. Sim, o colegiado solicitou ao Coletivo que escrevesse uma proposta de ementa curricular para estudantes de graduação em meio de curso e desembocou em uma proposta de ementa, construída em quatro dias pelo coletivo e com apoio de alguns professores e estudantes de pós-graduação que entendiam a urgência dessa mudança (Silva, 2021).

De certo, tudo que foi construído até aqui não se concretizou em um caminho simples. Mas se apresentou um caminho possível. O *Retomadas* cresceu e segue crescendo. Disciplinas como *Leitura de Autores Indígenas*, *Negritude no Brasil: os intelectuais e a formação do movimento negro* e *Marcadores sociais da diferença* foram ofertadas. Inúmeros Grupos de Formação Antirracista foram organizados, Grupos de Estudos, Oficinas, *CineRetomadas*, o podcast *Cumê que fica?!*, o projeto *Orquidário* e tantos outros que o *Retomadas* colocou e coloca em curso.

Na leveza dos sonhos insubmissos, não parecia possível pensar em uma disciplina inteira dedicada a uma intelectual negra. Na circularidade bonita do tempo, o *Retomadas* se constrói a muitas mãos, muitos olhos e olhares e uma vontade de traduzir o indizível quando se ocupa um corpo não hegemônico no mundo.

Nenhuma luta é ganha. O *Retomadas* segue em movimento, pois as *Retomadas* não se findaram. Há muito a caminhar. Mas é bom re-caminhar os trajetos já feitos e lembrar que seguimos indo, talvez ainda não tenhamos chegado, mas seguimos indo. Entre gerações, o *Retomadas* reinventa a vividez bonita de acreditar em possibilidades múltiplas de existência. *Retomadas* é o caminho.

*Começo do início, mas ainda não fim
Nós somos o começo, o meio e o começo.*

Nego Bispo⁵

Eu, Pedro, conheci o *Retomadas* no início da graduação, em um momento em que o mundo e eu nos encontrávamos isolados, a Covid-19 nos separava. Conheço Zora a partir de integrantes e amigas do coletivo. Conheço a mim mesmo a partir do *Retomadas* e da própria Zora, eu e o mundo nos reencontramos, eles nos juntaram.

Ser aluno da disciplina *Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston* já ao fim da graduação, tendo entre as professoras duas integrantes do coletivo *Retomadas*, concretiza o sentido à luta pelo acesso às epistemologias historicamente apagadas na academia. Um contragolpe ao epistemicídio (Carneiro, 2023). Este só se torna possível no presente por aquelas que vieram antes, mas também por aquelas que retomam e aquelas que irão continuar a retomar. Com Zora, mas também com Steffane, Rafaela e Nicole⁶, aprendi e reaprendi a me localizar no espaço acadêmico, e vislumbrar este como meu e dos meus semelhantes.

É num contexto no qual em anos de *Retomadas*, participando e construindo grupos de estudos, formações antirracistas e atividades das mais diversas, ao lado de amigos, colegas de curso e referências para mim – e aqui me refiro, sobretudo, as pessoas que construíram o *Retomadas* no passado e no presente –, que eu também construo uma nova percepção sobre mim mesmo, de possibilidades outras. Com Zora em *Como eu me sinto uma pessoa de cor* (2021), eu fortaleço aquilo que o *Retomadas* já havia construído em mim, mas com uma irreverência que à Zora é própria, concebo minha humanidade passada pela minha raça, mas não restrita ao

processo de racialização. Tal como Zora, eu não sou tragicamente uma pessoa de cor (Hurston, 2021, p. 47).

Sou Amanda Ribeiro, estudante de Ciências Sociais na UFMG no fim do curso. Conheço o *Retomadas* quando, lá em 2019, ano da minha entrada na universidade, observo as movimentações do coletivo e alguns dos seus desdobramentos na graduação. Nesse momento, a principal reivindicação do coletivo era a inserção de autoras negres e indígenas nas bibliografias das disciplinas, que até então tinham muito pouco ou nada que fosse além da cultura ocidental branca. Vi-me nesse início desmotivada com as disciplinas, pois antes de entrar na universidade imaginei que me aprofundaria, por exemplo, em temas relacionados a minorias sociais, o que não se apresentou na realidade.

É, portanto, a partir do *Retomadas Epistemológicas* que dou início a uma trajetória de maior identificação com as Ciências Sociais e Antropologia. Após a reivindicação do coletivo, aqueles professores que se importaram e enxergavam importância na leitura de autoras negres e indígenas, mesmo que de forma tímida, se movimentaram para atendê-la. Descobri, então, que me interessa e que gostaria de pesquisar o tema das relações étnico-raciais, cursando, por escolhas de matérias optativas, as disciplinas relacionadas a esse tema, principalmente no campo da Antropologia.

Nesse sentido, minha animação foi grande

⁵ Bispo dos Santos, Antônio. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu, 2023.

⁶ Docentes e organizadoras desse Dossier.

desde que soube que existiria a disciplina *Introdução ao Pensamento da Zora Neale Hurston* e que ela seria ministrada também por duas colegas de graduação, integrantes do *Retomadas*. Durante o semestre, a disciplina chegou a ser minha atividade preferida e em alguns momentos que estive deprimida demais, até mesmo para conseguir realizar minhas atividades cotidianas, o desejo pela disciplina e por estar com os colegas em sala de aula permaneceu. Além de estar presenciando uma disciplina inteiramente dedicada a uma antropóloga negra, — o que é um marco na história do curso de Ciências Sociais da UFMG — ver as minhas ex-colegas de curso, até então no mestrado, dando aula sobre um tema tão relevante, ampliou os horizontes para mim. Nesse momento, é como se fosse mais possível pessoas negras como eu estarem na pós-graduação ministrando disciplinas. Como se eu me desse conta de que, se eu quiser, esse também pode ser um espaço possível para mim, pois está sendo para as minhas colegas Steffane e Rafaela. Ao mesmo tempo, é como se a possibilidade de construir uma pesquisa no tema das relações étnico-raciais fosse um pouco mais palpável.

Vale salientar também a influência da disciplina no meu tema de pesquisa, os quais são sobre “Representações da branquitude na imaginação negra”. Simultaneamente à disciplina sobre a Zora, estava cursando uma sobre branquitude e Antropologia, o que me levou a estar constantemente pensando nas representações de Zora e de outros autores negros sobre pessoas brancas. A partir disso, foi possível construir o meu projeto de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso.

É, portanto, notável como vejo entrelaçados o meu presente e futuro com a trajetória do coletivo e a disciplina sobre Hurston, enquanto construí um agora mais possível para mim na Universidade e me deu diferentes horizontes, tornando viável vislumbrar um espaço para mim no espaço acadêmico no porvir.

Apresento-me enquanto Johnny Vinicius Freitas, Cientista Social em formação na UFMG e membro há pouco mais de um ano do Coletivo *Retomadas* Epistemológicas. Minha entrada em tão distinto grupo foi cultivado por muitos anos, permeando os pavores, a admiração pelos colegas que não me conheciam — mas que os tinha em grande estima —, pelo medo da sobrecarga de atividades e, principalmente, pelo temor de não atingir metas pessoais de mudança social ou relevância acadêmica que me inspirava os colegas. De fato, vencido todos os temores relevantes, cá estou eu sentado à mesa da sala do meu grupo de pesquisa redigindo esse texto com um considerável sentimento de nostalgia do primeiro dia que me apresentei, às pressas, em uma reunião. Foi um sentimento admiravelmente forte que, confidenciando a vocês, sempre me transpassa quando faço minhas contribuições nas reuniões. Um sentimento não de medo, mas de admiração por pessoas que dedicam seu tempo e conheci-

mento à construção de uma ideia que cria, difunde e aprofunda outras ideias. Existe um trabalho que vem sendo introjetado e complexificado pelas atuações do Coletivo. É justamente esse trabalho, com suas dimensões simbólicas e objetivas, coordenadas ou não, que cumpriram papel importante na amálgama das minhas dimensões pessoais e profissionais enquanto Cientista Social e minha introdução ao Coletivo.

Meus objetivos eram claros: galgando um novo caminho acadêmico, como eu, um profissional em formação, poderia dar novos sentidos e perspectivas às futuras análises científicas que eu me proporia a realizar? O contexto desempenhava importante influência na decisão de abrir espaço na minha vida e formação para o *Retomadas*. Anteriormente caminhante do campo antropológico, galguei o caminho de tijolos dourados da Ciência Política e cá firmei meu campo de atuação. Contudo, não podia negar, assim como atualmente não nego, que se distanciando da Antropologia, sentia que não levava juntamente comigo a pesada bagagem de diversidade que esta ciência proporcionara. Sentia-me em falta com um saber constituído a partir de um sem-número de perspectivas nas quais eu era influenciado a me colocar. Não faço aqui um mau juízo de valores para com a Ciência Política, não é este ponto que levanto. Entretanto, não me deparei, subsequentemente à minha mudança de percurso, a tão vasta e conhecida infinidade de colocações e reagrupamento de epistemologias que experimentei na Antropologia.

Eram estes ares que o espírito sentia falta de respirar. São estes ares que o *Retomadas* manipula tão bem, por meio das unidades humanas constitutivas, diversas e espontâneas, que edificam o grupo. Satisfaço o espírito e é neste processo que estou atualmente e que, na minha perspectiva, o Coletivo desenvolve magistralmente. Se existe uma formação acadêmica, que foi alicerçada e cristalizada no decréscimo da potência de muitas epistemologias e mecanismos de pensamento, há uma contra-reação que recolhe os cacos epistemológicos subalternos destruídos pela clava imperial e aprende com os subjugados a como reconstruí-los, aprender com eles e difundir anos e anos de desenvolvimento epistemológico. É um processo laborioso, mas que satisfaz muitos espíritos. São caminhos de *Retomadas* ao conhecimento anterior ao processo colonial e, que os bons ventos soprem a esse favor, ulterior ao presente que se desenvolve.

Na constância da minha participação no Coletivo, aprendi a me ajoelhar e ajudar a recolher esses cacos. Com meus colegas, fugindo ao tom salvacionista, compreendi a função de realinhar o mesmo tom respeitoso às obras de autoras negras, indígenas, latinoamericanas e caribenhas que foi reservado ao cânone europeu. Senti mais uma vez a bagagem que fazia peso confortável à minha formação. Espero estar contribuindo com a mudança que o *Retomadas* se propõe desempenhar. É um prazer inestimável fazer parte de uma organização de estudantes, colegas e amigos admiráveis, que se convida a colocar o próprio corpo em atividade para sustentar sua ideia originária.

Como aluno, me beneficieei com as mudanças já consolidadas a partir das articulações incessantes dos membros que se propuseram a realizar a diversificação e Retomada às raízes das Ciências Sociais brasileira, latino americana, africana, caribenha e não-branca.

Futuro: Esperançar

Eu acho que a principal lição desse momento histórico é nos dizer que a momentos da nossa luta que parece que não é possível avançar. Há determinados momentos que a gente tem a sensação de que essa sociedade é incapaz de desejar sinceramente uma verdadeira democracia racial. Mas eu acho que essa batalha pelas cotas, ela nos indica que perseverar é o único caminho que nós temos... Per-se-ve-rar.

Sueli Carneiro

Nos fluxos desse tempo circular, espiralar (Martins, 2021) a trajetória do Retomadas atravessa os caminhos das pessoas, com algumas esbarra através de um dos grupos de estudos, da curiosidade suscitada por ver um cartaz referenciando obras de pessoas negras, indígenas e LGBTQIA+, da participação na disciplina sobre a Zora. Comigo, Amanda, o encontro com o coletivo se deu primeiro por meio do contato com as pessoas o construíam, foi através de contatos e amizade com Sofia, Steffane e Gabriel que tive minhas primeiras referências do que seria o fazer intelectual por vias outras que não a hegemônica, foram as redes de relacionamento com pessoas de trajetórias similares a minha que fizeram o ambiente universitário ser menos austero e me possibilitaram cultivar sonhos e projetos durante a graduação. O compartilhar de ideias, referências e revoltas com as pessoas que integram o *Retomadas* foi e tem sido decisivo para a minha permanência na universidade e também na formação de facetas importantes da minha identidade.

Quando penso naquilo que o *Retomadas* irá realizar, tomo como base minha experiência e aquilo que o coletivo é no agora. Primeiro um espaço para encontros, encontros entre pessoas, consigo, com autores, com obras, etc. É também um agente político, buscando formas de levar a cabo demandas que nos são importantes, nos aliando aos movimentos do tempo ao não aceitar que as coisas continuarão como sempre foram. Por fim, um coletivo que traduz a esperança no realizar, a exemplo do sonho, agora concreto, da oferta de uma disciplina como a *Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston*, ou a cada novo projeto, que é planejado e concluído atravessando outras trajetórias.

Das circularidades do tempo, reencontrar Zora faz parte de um movimento que gira e gira. Não há fim, há alguns inícios, meios e meios de novo. Os meios são formados pela incessante

te vontade dos desejos oníricos que aparecem quase que borrados, em turvas linhas, palavras, objetos e pessoas. São permeados coletivamente, às vezes atravessados pelas angústias, por vezes apresentados pela esperança, em partes, pelo desânimo e por outras pela raiva. Os sonhos são possibilidades que existem em nós e mesmo quando realizados, não são causas ganhas. Nada para nós, pessoas negras e LGBTQIAP+, nunca estará ganho. Tudo que é nosso continua sendo defendido por nossas próprias mãos de modo inegociável: jamais nos tirarão o que conseguimos, ainda que tentem. Não que tenhamos conseguido tanto, mas de tanto em pouco, há algo exercendo sentido no que se pretende fazer.

Seja pela esperança das agendas de pesquisa modificadas, corpos não hegemônicos se debruçando sobre epistemologias contra coloniais, num anexo misto do sentir e agir, enquanto se tenta alicerçar nossa saída de existência. É sob as *Retomadas* des que vieram antes de nós, e esquecidas ficaram, que seguimos. Retomar é uma escolha política contínua. É ao *Retomadas* jamais caberá morrer sem ser retomado.

"E você é a sobrinha de Zora?", me pergunta. "Bom," eu digo com tímida dignidade, mas com um toque, espero, de um rubor próprio do século 19, "eu sou não legítima, por isso é que eu nunca conheci tia Zora".⁷

Alice Walker (2019)

À Zora,

Queria te encontrar, falar das coisas que aprendi com você. Chorar as mágoas que ainda me afogam e doem tanto. Queria te contar das vezes que desacreditei de nós de tanto que descreditearam de mim. Zora, tem sido difícil, mas é uma alegria poder caminhar pelos caminhos que você abriu. Nesse momento, enquanto escrevo e coloco minhas intenções neste encontro, lembro-me da primeira vez que você me foi apresentada. Das maravilhas da vida, a maior delas é se encantar com algo pela primeira vez, e foi essa a sensação quando li os seus trabalhos na disciplina *Introdução à vida e obra de Zora Neale Hurston*.

Como alguém que escreveu trabalhos tão únicos e tão atuais não teve em vida o reconhecimento que merecia? Como alguém como você ficou esquecida? Como o seu trabalho ficou engavetado por tanto tempo? Como eu só te conheci agora? Eu li tudo que eu pude no tempo que eu tinha. A sensação de ler e me surpreender com "Os seus olhos viam Deus" é uma das sensações que eu mais gosto de lembrar. Passei alguns dias imersa nessa leitura apenas pensando em quando eu iria voltar pra casa e poder continuar lendo as histórias de Jane. Foi assim, eu acabei com o livro, mas ele também acabou comigo. Ainda me lembro da sensação de acabar o livro, colocar em meu peito, fechar os olhos e apenas sentir tudo aquilo que acabei de ler.

⁷ Walker, Alice. À Procura de Zora Hurston. *Ayé: Revista de Antropologia*, n.1, v.1 (2019).

Nesse sentido, "o ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como um 'Outro'" (Anzaldúa, 2000, p. 232). São nestes momentos, que eu retorno a mim, à minha mãe, à minha avó, à você, aos meus ancestrais como as figuras centrais e de grande importância. Zora, você me ensinou a escrever sobre mim mesma com confiança. As histórias com as quais nos deparamos ao longo da vida moldam a nossa percepção de identidade e de quem classificamos como "os outros". Nós

não somos apenas um outro qualquer.

Entre os giros do tempo e o tempo que nos envolve, existe um movimento muito potente que une o passado, o presente e o futuro. Existem aqueles sonhos que são construídos em conjunto, com aqueles que se foram, que estão aqui e com aqueles que ainda estão por vir. Zora, durma tranquila porque aqui nós estamos para honrar e cultivar o solo que você, com tanta generosidade, nos deixou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anzaldúa, Glória. . Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, 8(1), 229, (2000)

Carneiro, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

Carvalho, Sebastião Carlos Dos Santos. **O impacto das ações afirmativas na estética e na imagem corporal de jovens negros e negras da UNEB**. Campus Guanambi. 2021.237f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

Hurston, Zora. Como eu me sinto uma pessoa de cor. **Ayé: Revista de Antropologia**, 2021.

Erickson et al. Apresentações do Número Especial Fire!!! Zora Neale Hurston Textos Escolhidos e Traduzidos. **Ayé: Revista de Antropologia**, 2021.

Martins, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

Quijano, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e AL. CLACSO, **Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor**, 2005.

Santos, Júlia Elisa. **"Quando rejeitamos uma história única, nós reconquistamos um tipo de paraíso": Preta Poeta e a escrevivência na subjetivação política de mulheres negras**. Monografia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018, 59f.

Santos, Steffane. De Paula, Rafaela. Insubmissos modos do fazer etnográficos de Zora Neale Hurston. **Revista Zabelê Discentes PPGANT/UFPI**, v. 4. n. 2, 2023.

Silva, Tulio Henrique Gomes. **"Professor, como assim você nunca leu Lélia Gonzalez?": Trajetórias e narrativas do Coletivo Retomadas Epistemológicas**. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 72. 2021.

Walker, Alice. A procura de Zora Hurston. **Ayé: Revista de Antropologia**, n.1, v.1 (2019).